

As falhas dos economistas, segundo a vencedora do Nobel

A mais jovem vencedora do Nobel em sua área aponta os erros dos economistas “mainstream” buscando soluções práticas para os problemas

Por Delphine Strauss — Do Financial Times

13/12/2019 05h01 · Atualizado há 5 meses





A escolha de Esther Duflo, 47 anos, para receber o Nobel de Economia rompeu com a tradição: nos últimos 20 anos, 75% dos premiados na área foram homens brancos com mais de 55 anos — Foto: AP

Esther Duflo ganhou o Prêmio Nobel deste ano por seu trabalho a respeito de países pobres. Agora, a economista franco-americana quer aproveitar o centro dos holofotes para socorrer a abalada reputação de sua profissão e ajudá-la a retomar o papel de enfrentar os problemas que assolam o mundo rico. Nesta entrevista, em Londres, Esther mostra-se animada com a perspectiva de mais um interrogatório.

“É agitado, mas um agitado bom”, diz ela sobre o mês que se passou desde a premiação do Nobel. Com um livro recém-publicado - “Good Economics for Hard Times” (economia boa para tempos difíceis, em português), uma tentativa de mostrar o que a economia pode agregar aos acalorados debates sobre imigração, comércio exterior ou aumento da desigualdade - ela diz que “não podia ter pedido por um momento melhor” para receber o prêmio.

A escolha do comitê do Nobel, em vários aspectos, rompeu com a tradição. Nos últimos 20 anos, 75% dos premiados em economia foram homens brancos com mais de 55 anos. Esther Duflo, aos 47 anos, é a mais jovem vencedora em seu campo na história - e apenas a segunda mulher. Ela, portanto, tem atraído muita atenção, mesmo tendo dividido o prêmio com o marido e colega do MIT, professor Abhijit Banerjee, e com o professor de Harvard Michael Kremer.

Em assuntos pessoais, ela é bastante reservada. Quando pergunto sobre a relação de trabalho próxima à do marido, ela simplesmente diz que é fácil. “Somos bitolados e gostamos do que fazemos.” É na hora de explicar os métodos nos quais foram pioneiros que ela se anima. Em apenas alguns minutos de conversa já estamos compenetradas em discussões sobre o que é melhor para aumentar os índices de vacinação, sacos de lentilha grátis, mensagens de lembrete ou a disseminação boca a boca pela vizinhança.

Esse tipo de mergulho nos detalhes não é surpresa. Esther não tem muita paciência para aqueles em sua profissão almejando resolver as “grandes questões” - as fontes de crescimento ou a causa definitiva da pobreza - por meio de teorias que abrangem tudo. Em vez disso, ela tem transformado o campo da economia de desenvolvimento, por meio de uma busca meticulosa de respostas práticas para pequenas questões: como persuadir professores na zona rural da Índia a comparecer ao trabalho? Ou os pais a imunizar seus filhos? As lentilhas, descobriu-se, são uma boa resposta a essa última pergunta.

Um dos primeiros estudos de campo de Esther e Banerjee mostrou que os índices de vacinação triplicavam quando as pessoas na Índia rural tinham acesso a clínicas móveis com funcionários qualificados. Mas o impacto era ainda maior em vilarejos onde as pessoas também recebiam 1kg de lentilhas a cada vacinação - mostrando o poder dos pequenos incentivos não financeiros na mudança de comportamento. Esse é apenas um exemplo da abordagem empírica que teve Kremer como pioneiro e, depois, foi institucionalizada por Banerjee e Esther - fundadores do centro de pesquisas J-Palm, que conecta uma rede mundial de pesquisadores com autoridades políticas e organizações não governamentais.

Em outros experimentos, eles concluíram que aulas específicas para a correção da carência de ensino ajudavam as crianças a aprender mais do que a diminuição do tamanho das turmas ou a contratação de mais professores e - de forma polêmica - que os projetos de microcrédito faziam menos diferença na vida das pessoas do que seus defensores sustentam. “Fomos extremamente reservados quanto a esses

realmente importante e supercontroverso.” Foi apenas depois de sete avaliações diferentes, em diferentes países e contextos, terem mostrado resultados similares que eles decidiram publicar o trabalho.

O uso que fazem de “testes de controle aleatórios” (RCTs, na sigla em inglês) - similares aos testes clínicos usados no estudo de novos medicamentos - para chegar a suas conclusões têm atraído críticas: em particular, a acusação de que é impossível generalizar com base em experimentos específicos e locais. Ainda assim, agora os RCTs se tornaram a ferramenta padrão para testar o que funciona ou não para enfrentar a pobreza - e eles estão sendo cada vez mais adotados também no mundo desenvolvido.





Banerjee e sua mulher, Esther, laureados conjuntamente neste ano por seus experimentos para reduzir a pobreza global — Foto: MIT Economics/J-PAL/UPI

O empenho de Esther em disseminar o uso de RCTs reflete a motivação original que a levou a entrar no mundo na economia - a crença bem arraigada de que a pesquisa pode influenciar as ações políticas. Ela cresceu tendo alta consciência da pobreza: sua mãe, uma médica parisiense, foi criada “isolada e na sujeira da pobreza” na Argentina, depois de sua família ter migrado ao país para um emprego que acabou não se concretizando. Posteriormente, Esther conta que todos os anos a mãe passava várias semanas trabalhando em zonas de crise para uma ONG e dizia aos filhos que a forma de eles ajudarem era “deixando-a ir”.

De início, Esther, que estudou história na faculdade, achava que qualquer influência “significativa” que pudesse exercer seria algo secundário. A epifania veio durante o ano que passou como pesquisadora-assistente na Rússia: ela viu que quando economistas como Jeffrey Sachs chegavam a Moscou para dar conselhos econômicos, os políticos davam ouvidos. “Quando percebi: ‘Oh, meu Deus, é isso o que os economistas fazem’, eu também quis fazer isso”, diz.

Atualmente, Esther não passa tanto tempo em campo, e a maioria de suas viagens é

cores] Holi, nós os levamos para lugares bem legais, então eles acham a Índia legal”, diz.

Uma consequência do sucesso é que as autoridades agora estão dispostas a realizar testes em escalas bem maiores. Na Índia, Esther testa algumas de suas ideias originais para encorajar a imunização em nome do governo de Haryana - um Estado com cerca de 25 milhões de habitantes. Isso cria novos desafios. Uma dificuldade inesperada foi descobrir que era impraticável armazenar ou distribuir tantas lentilhas. Levou vários anos para chegarem a um consenso quanto a uma alternativa: créditos gratuitos para telefones celulares. Apesar do foco em testar receitas de políticas econômicas, Esther diz que os críticos interpretam mal os RCTs quando os retratam como uma tentativa de encontrar uma cura geral que possa ser aplicada em qualquer lugar.

Em um campo “infelizmente privado de curas milagrosas”, a analogia com remédios funciona só até certo ponto, argumenta. “Em um teste clínico [de drogas], a ideia é ter a produção aprovada [...] Na economia, os RCTs desempenham um papel diferente, normalmente eles consistem muito mais em tentar entender algo plenamente fundamental sobre o comportamento.”

Esther diz acreditar que sua pesquisa sobre o que motiva os comportamentos das pessoas em países pobres traz lições importantes para governos em países ricos. Ela também afirma acreditar profundamente que os economistas precisam se pronunciar mais - se as pessoas não confiam nos especialistas, isso se deve, em parte, ao fato de que os melhores acadêmicos, por medo de ser mal interpretados, vêm deixando o campo livre para outros ideólogos e sábios.

Esses são os dois temas do novo livro que ela escreveu com Banerjee, em que tentam descrever “como os melhores economistas da atualidade pensam sobre o mundo” e agregar ideias de seu próprio trabalho. Explicam, por exemplo, por que a maioria das pessoas pobres não migram, mesmo quando tem a opção ou por que programas de bem-estar fracassam, quando não levam em conta o sentido de identidade das pessoas.

Esther e Banerjee defendem que, na realidade, as pessoas não mudam necessariamente para os melhores empregos ou investem nos negócios mais produtivos. Tampouco há evidências de que trabalhem menos diante de aumentos nos impostos. Eles se importam com muitos aspectos - saúde, respeito próprio, ar puro - mais do que a respeito por aumentar o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, objetivo elusivo que talvez não seja mais uma prioridade adequada para políticos no mundo desenvolvido.

“A vantagem para os políticos de pensar dessa forma mais abrangente é que, de qualquer jeito eles não podem mudar o PIB, mas esses [outros] aspectos podem ser modificados com políticas executadas com cuidado”, diz Esther.

Para ela, as prioridades nos Estados Unidos deveriam incluir um apoio muito mais generoso a trabalhadores deslocados pelo comércio internacional - inspirando-se em programas como os de apoio a veteranos militares americanos - e um enorme investimento nos primeiros anos de educação, de forma a criar empregos de alto status “que nenhum robô alguma vez vai arrebatá-los”.

Esther diz acreditar que a fé excessiva em incentivos financeiros é um dos principais pontos errados na tendência predominante dos economistas. “Você pode ver a grande sombra dessa concepção equivocada na forma como pensamos o comércio exterior, como pensamos a tributação [...] como pensamos nossos programas sociais.”

Embora haja uma reavaliação em andamento, Esther é crítica da relutância de sua

cujos primeiros trabalhos no MIT mostraram que a redução da pobreza era mais lenta em áreas da Índia mais expostas ao comércio exterior. A conclusão de Petia - sobre a necessidade de compensar os que perdiam com a globalização - hoje parece autoevidente. Na época, contudo, seu ensaio foi recebido com escárnio quase geral e ela foi obrigada a seguir a carreira fora do mundo acadêmico.

“Gostaria de poder dizer com certeza que algo como isso não vai ocorrer de novo, mas poderia [ocorrer] diante de algum outro ponto cego”, diz Esther. Essa falha por parte dos economistas, de questionar suas suposições, é reflexo de problemas culturais, acrescenta - não menos importante o histórico lastimável da profissão na diversidade de gênero.

Embora tenha se mantido discreta na profissão, Esther claramente nunca teve dificuldade para trilhar seu caminho em um campo dominado pelos homens. Ela estudou primeiro na École Normale Supérieure, em Paris, obteve uma vaga no MIT antes dos 30 e recebeu a medalha John Bates Clark - muitas vezes precursora do Nobel - em 2010. “Acho que nem cheguei a perceber que havia algum problema [...] Mas agora que estou pensando [...] será que se ela [Petia] tivesse sido um rapaz, não uma mulher jovem extremamente bem-educada, cortês até demais e discreta na profissão, teria sido tão desprezada pelas pessoas? Talvez não.”

O principal recado de Esther, no entanto, é que os economistas, apesar de todas as

citando a queda constante na mortalidade infantil e na malária e o aumento nas matrículas escolares. Essas tendências se deram tanto em países que se deram bem em termos de crescimento econômico quanto naqueles cujo crescimento continua esquivo, ressalta. "O foco nas políticas adequadas pode trazer um progresso enorme. Quando me sinto para baixo, é nisso que tento pensar." **(Tradução: Sabino Ahumada)**

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Pílula americana para rugas e pele velha é liberada pela Anvisa
SKINCAPS

LINK PATROCINADO

Adeus dor nas juntas! Anvisa libera pílula alemã que "engrossa" cartilagem
ARTICAPS

LINK PATROCINADO

Grelhe seus alimentos no fogão sem fumaça!
DESCONTALIA

LINK PATROCINADO

Uma descoberta revolucionária de um cientista remove dores nas juntas sem pílulas ou injeções
EXTRATO VMD³

LINK PATROCINADO

O jogo mais viciante do ano!
FORGE OF EMPIRES - JOGO ONLINE GRÁTIS

LINK PATROCINADO

Quem nunca pensou em tentar tocar violão ou guitarra, chegou a hora de aprender.
GUITAR ACORDES

Leia em Valor Investe

VALOR INVESTE

Centauro inicia reabertura de lojas

VALOR INVESTE

Bolsonaro diz que 'Brasil está quebrando' e está fadado à miséria

Mais do Valor **Econômico**

Bradesco dará crédito à folha de empresas abaixo de R\$ 360 mil e acima de R\$ 10 mi

Banco abriu linha com recursos próprios para companhias não abrangidas pelo programa de apoio do governo



19/05/2020 14:52 — Em Finanças

Corte Interamericana de Direitos Humanos investiga Bolsonaro

Presidente entrou na mira da CIDH por ter recebido e homenageado o Major Curió, um dos envolvidos na política de extermínio da ditadura militar no Brasil



19/05/2020 14:49 — Em Política

Weintraub se reúne com indicado do PP para o cargo de diretor do FNDE

19/05/2020 14:36 — Em Brasil

Bradesco anuncia possibilidade de prorrogar contratos por até 120 dias

Dívidas poderão ser renegociadas com prazo de pagamento em até 72 meses; medidas valem para pessoa física e jurídica

19/05/2020 14:36 — Em Finanças

BRF lança plataforma para selecionar projetos inovadores

Interessados em participar poderão se inscrever até 31 de maio

19/05/2020 14:33 — Em Agronegócios

Em São Paulo, PM vai fiscalizar estabelecimentos não essenciais

Ação da Polícia Militar vai garantir que estabelecimentos comerciais e serviços considerados não essenciais fiquem fechados



19/05/2020 14:33 — Em Brasil

VEJA MAIS